

Testando a Teoria Multifactorial da Notícia

Alexandre Castro,* Jonatar Evaristo,† Marcela Güther‡
Naiara Larsen§ & Teresa Castro¶

Índice

Introdução	2
1 Histórico de algumas teorias	3
2 Ciências exatas e humanas: diferenças metodológicas	6
3 Teoria Multifactorial da Notícia	7
4 Metodologia da pesquisa	12
5 Exposição dos resultados	15
Considerações finais	16
Referências	18

Resumo

*Professor da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, jornalista Gráfico e Áudio-Visual (UFRGS), especialista em Pensamento Contemporâneo (PUCPR), Master in Business Administration (UP), mestrando em Dirección Estratégica (Universidad Europea Miguel de Cervantes – Valladolid/ESP). E-mail: [Alexandre Castro](mailto:Alexandre.Castro@uel.br).

†Acadêmico do Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, de Joinville. E-mail: [Jonatar Evaristo](mailto:Jonatar.Evaristo@uel.br).

‡Acadêmica do Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, de Joinville. E-mail: [Marcela Güther](mailto:Marcela.Guether@uel.br).

§Acadêmica do Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, de Joinville. E-mail: [Naiara Larsen](mailto:Naiara.Larsen@uel.br).

¶Jornalista, pesquisadora, graduada em Jornalismo Gráfico e Áudio-Visual (UFRGS), especialista em Pensamento Contemporâneo (PUCPR); Administração Pública (ICEET); e Gestão Ambiental (SPEI), mestre em Gestão Pública Local (Universidad Carlos III – Madrid). E-mail: [Teresa Castro](mailto:Teresa.Castro@uel.br).

Com sua Teoria Multifactorial da Notícia, o jornalista, professor e pesquisador português Jorge Pedro Sousa lançou uma teoria unificadora do jornalismo, sustentando que ela pode, à semelhança do que ocorre com as ciências exatas e naturais, ser formulada matematicamente, e ser até predictiva. Nesse sentido, a sua Teoria assenta-se em três equações para responder às questões centrais do tema: o que são notícias?; por que as notícias são como são?; e quais são os efeitos das notícias? O objetivo deste trabalho foi o de testar a eficácia da equação central da Teoria Multifactorial da Notícia, no âmbito de seis jornais brasileiros, do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo e Rio de Janeiro. Concluiu-se que, dentro das limitações da pesquisa, a Teoria é válida e pode ser considerada o primeiro paradigma das teorias do jornalismo.

Palavras-chave: Teoria do Jornalismo, Teoria Multifactorial da Notícia, Pesquisa, Jornalismo Gráfico, Portugal-Brasil.

Introdução

OS estudos sobre a natureza do jornalismo remontam à metade do século passado, tendo em seu núcleo o objetivo de desvelar três questões essenciais: o que são notícias?; por que as notícias são como são?; e quais são os efeitos das notícias? Numerosas teorias surgiram buscando responder a essas perguntas, ora dando ênfase à figura do próprio jornalista (Teoria do Gatekeeper), ora à organização (Teoria Organizacional), ora às fontes dos jornalistas (Teoria dos Definidores Primários), etc.

Nenhuma dessas teorias, no entanto, conseguiu alcançar consenso entre os estudiosos, o que, somado a certa resistência existente na própria comunidade acadêmica em considerar como ciência a área humanística, contribuiu para dificultar o reconhecimento do jornalismo como campo específico do conhecimento científico.

Em anos recentes, mais precisamente em 2002 e 2004, o jornalista, professor e pesquisador português Jorge Pedro Sousa publicou trabalhos propondo o que denominou Teoria Multifactorial da Notícia. Para ele, o conhecimento acumulado pelos pesquisadores em mais de meio século de estudos já é suficiente para a formulação de uma teoria unificadora do jornalismo, que possa, inclusive, à semelhança do que ocorre

com as ciências exatas e naturais, ser formulada matematicamente, e ser até predictiva. Ele garante que a produção de qualquer notícia pode ser explicada em função da interação de determinadas forças, e que é possível prever que qualquer notícia que venha a ser enunciada e fabricada dentro do sistema jornalístico resultará igualmente da interação dessas forças.

O objetivo do presente trabalho é testar, no âmbito de jornais gráficos brasileiros, a efetividade da Teoria Multifactorial da Notícia. Como objeto de pesquisa, foram escolhidos os jornais de maior circulação comprovada de cinco das principais capitais brasileiras, a saber: *Zero Hora*, de Porto Alegre; *Diário Catarinense*, de Florianópolis; *Gazeta do Povo*, de Curitiba; *Folha de S. Paulo*, da capital paulista; e *O Globo*, do Rio de Janeiro; além de *Notícias do Dia*, principal jornal de Joinville, cidade onde está instalado o Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, onde atuam autores desta pesquisa.

O trabalho está dividido em oito seções. Após esta Introdução, apresentaremos um breve histórico das teorias do jornalismo – serão apenas menções, nem de longe buscando aprofundar cada item, por não ser o foco deste estudo. Na sequência, abordaremos as diferenças metodológicas dos estudos das ciências exatas e humanas, e na quarta seção iremos nos deter na exposição da Teoria Multifactorial da Notícia. A seção seguinte tratará da metodologia adotada para a pesquisa; na sexta serão expostos os resultados; na sétima, apresentadas as considerações finais; e ao final as referências bibliográficas.

1 Histórico de algumas teorias

Teoria do Espelho

Surgida nos anos 1850, a *Teoria do Espelho* é a mais antiga das teorias do jornalismo. Ela apareceu como contraponto ao jornalismo literário, partidário, sensacionalista e ideológico que vigorava até então. Base das profundas mudanças que ocorriam na imprensa dos Estados Unidos (Pena, 2010), o novo jornalismo sustentava uma indústria de

massas rentável que dizia ser a imprensa o espelho do real e as notícias, reflexo da realidade.

O princípio norteador Teoria do Espelho era que o jornalista seria um mediador isento, imparcial e que seria capaz de descrever somente os fatos, separando-os de opiniões. “O meu trabalho é comunicar fatos: as minhas instruções não permitem qualquer tipo de comentários sobre os fatos, sejam eles quais forem”, afirmava, em 1856, o correspondente em Washington da agência Associated Press (Read, 1976: 108, in Traquina, 2005: 147-148). Como a fotografia, o jornalismo deveria usar métodos científicos que evitassem a subjetividade.

As distorções ocorridas na cobertura da Primeira Guerra Mundial provocaram nas décadas de 1920 e 1930 o reforço da Teoria do Espelho, a partir do lançamento do livro *Opinião Pública*, do jornalista Walter Lippmann. O livro pregava o uso de métodos científicos contra a subjetividade empregada nas notícias.

Teoria do Gatekeeper

A *Teoria do Gatekeeper* surgiu com a publicação do estudo de David Manning White em 1950, também nos Estados Unidos. Segundo White, para ser divulgada, uma notícia deveria passar por filtros subjetivos e arbitrários de um jornalista “porteiro”. Em seu estudo, ele observou o trabalho de um jornalista experiente, de meia idade, responsável em um jornal de médio porte pela seleção das notícias provenientes de agências de notícias. A esse jornalista, White chamou de “Mr. Gates”. Esse *gatekeeper* usaria, para escolher as notícias a serem publicadas, somente seus juízos de valores, sua experiência e suas expectativas, ou seja, seu poder individual de jornalista (Traquina, 2005).

Teoria Organizacional

Ainda na década de 1950, Breed (1955) lançou a *Teoria Organizacional*, contrapondo-se a Teoria de Gatekeeper. Para ele, o Jornalismo é um negócio empresarial cujo objetivo é o lucro. Neste contexto, o jornalista, ao contrário de deter um imenso poder pessoal, é levado a adaptar-se à política editorial da organização, por meio de recompensas e punições. Neste caso, as normas da corporação são mais importantes

do que as crenças individuais, e as expectativas e valores profissionais deixam de ter como referência o público e passam a ser dirigidas a seus colegas, superiores hierárquicos e patrões.

Teoria do Agendamento

Também nos Estados Unidos surgiu a *Teoria do Agendamento* ou *Agenda Setting* duas décadas depois, a partir dos estudos de McCombs e Shaw (1972). O poder da mídia, por essa teoria, faz o público “agendar” os assuntos de suas conversações por aqueles veiculados pela imprensa. A mídia nos diz sobre o que falar e pauta nossos relacionamentos. (Pena, 2010).

Segundo a Teoria do Agendamento, o público tende a utilizar ou excluir como conhecimento o que é ou não conteúdo das notícias. Dessa forma, a mídia ajuda a formar para o público a imagem da realidade social, moldando opiniões e até mesmo novas crenças.

Teoria Instrumentalista

A partir de 1970, intensificam-se ainda mais os estudos sobre o Jornalismo. Entre eles estão a *Teoria Instrumentalista*, que diz que a notícia é produzida com o objetivo de servir a determinados objetivos políticos (Traquina, 2005). Essa teoria aceita, implicitamente, a *Teoria do Espelho*, ao acreditar que a realidade pode ser reproduzida, mas aponta também que a realidade pode ser distorcida.

Os instrumentistas dividiam-se em duas correntes: direitistas e esquerdistas. Os direitistas consideravam os jornalistas anticapitalistas e empenhados em distorcer as notícias a favor de suas ideologias. Os esquerdistas afirmavam que os jornalistas eram oprimidos e pressionados a reproduzir valores capitalistas como consumo, competição e individualismo.

Teoria dos Definidores Primários

A *Teoria dos Definidores Primários* (Pena, 2010) diz que as notícias são distorcidas, mas não como resultado da intenção dos jornalistas ou dos proprietários dos veículos. As notícias seriam distorcidas pelas

próprias fontes das notícias: os entrevistados. Esses, como definidores primários da informação, distorceriam os fatos por sua conveniência.

Teoria do Newsmaking

A *Teoria do Newsmaking* sustenta que o Jornalismo “está longe de ser o espelho do real. É antes, a construção de uma suposta realidade” (Pena, 2010: 128). Entre seus principais formuladores estão o professor italiano Mauro Wolf (2010), o português Nelson Traquina (2001) e a estadunidense Gaye Tuchman (1978). Para eles, a produção da notícia é um processo complexo que precisa ser planejado como uma rotina industrial. Nesse processo estão envolvidos pauteiros, repórteres, editores, diretores e outros agentes capazes de minimizar o suposto problema da “manipulação da notícia”.

Uma notícia, na verdade, seria o resultado da negociação entre vários agentes e estaria fundamentada em critérios profissionais de noticiabilidade. Entre esses critérios profissionais estão: grau e nível hierárquico das pessoas envolvidas no fato; quantidade de pessoas que o fato envolve; novidade; infração; interesse público; impacto sobre o País, entre outros.

2 Ciências exatas e humanas: diferenças metodológicas

A busca do estabelecimento de teorias científicas na área humanística enfrenta dificuldades distintas das da área de ciências exatas (Castro, 2012). O autor cita Kerlinger (1975), que conceitua teoria científica como um conjunto de conceitos, definições e proposições relacionadas entre si, que apresentam um ponto de vista sistemático de fenômenos, especificando relações entre variáveis, com o propósito de explicar e *predizer* os fenômenos. Também Black e Champion (1976), acrescenta, ressaltam que as teorias científicas são um conjunto de proposições relacionadas sistematicamente, que especificam *relações causais* entre variáveis.

Assim, as ciências exatas e naturais, para as quais é apropriado o método empírico-positivo, encontram mais facilidade de demonstrar a

sua *cientificidade* que as ciências humanas e sociais, para as quais é inerente o método hermenêutico-interpretativo. (Velasco e Villa, 2011).

As diferenças entre os métodos são sintetizadas no quadro abaixo:

CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS	CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
MÉTODO EMPÍRICO-POSITIVO	HERMENÊUTICO-INTERPRETATIVO
Causa e efeito, mecânico	Reconstrução do sentido
Repetível, demonstrável, previsível, controlável	Liberdade, singularidade de cada ser humano
Variáveis limitadas	Variáveis ilimitadas
Quantitativo	Qualitativo
Explicativo	Interpretativo
Experiência externa	Experiência interna
Objetividade do pesquisador	Subjetividade do observador
Neutralidade, impessoalidade	Participação inevitável
Técnicas	Ações humanas

Fonte: Castro (2012) – Compilação de diversos autores

Em essência, observam Velasco e Villa (2011), o paradigma positivista pretende descrever e explicar detalhadamente um fenômeno para poder *repeti-lo e controlá-lo*, enquanto o paradigma interpretativo busca descobrir o sentido de algo que não podemos controlar, mas sim *aprofundar em sua compreensão*.

O fato de os fenômenos abordados pelas ciências humanas não poderem, como regra, ser previstos, controlados e repetidos, tem contribuído para a própria dificuldade de aceitação das teorias do jornalismo como campo específico do conhecimento científico (Castro, 2012).

3 Teoria Multifactorial da Notícia

Para construir a sua Teoria Multifactorial da Notícia, em sua publicação inicial de 2002 e seu trabalho ampliado de 2004, o jornalista, professor e pesquisador português Jorge Pedro Sousa propôs-se a superar tais barreiras metodológicas. Ele entende que

“À semelhança das ciências exactas e naturais, as ciências humanas e sociais devem procurar agregar os dados disper-

... fornecidos pela pesquisa em teorias integradoras, entendidas como explicações integradas para fenómenos comprovadamente correlacionados, susceptíveis de explicar determinados fenómenos com bases em leis gerais predictivas, mesmo que probabilísticas.” (Sousa, 2004: 2).

O autor assevera que uma teoria unificadora da notícia deve ser *traduzível matematicamente* e “deve atentar no que une e é constante e não no que é accidental. Isto significa que o enunciado da teoria deve ser contido, explícito e *aplicável a toda e qualquer notícia que se tenha feito ou venha a fazer*” (Sousa, 2004: 3) (grifo nosso).

Ele se contrapõe aos autores, como Nelson Traquina (2001), que consideram que os conhecimentos até agora acumulados na área ainda são insuficientes para a edificação de uma teoria geral do jornalismo. Para Sousa, esta é uma tendência “divisionista” para a explicação das notícias. Afilia-se ele à tendência “unionista”, que tem entre seus pioneiros Michael Schudson (1988) e Pamela Shoemaker e Stephen Resse (1991; 1996), de cujos estudos, observa, seus trabalhos atuais se beneficiaram.

Conforme Souza, “os estudos jornalísticos nas últimas décadas foram de tal forma férteis que já nos deram matéria-prima suficiente para edificarmos essa explicação unificada de forma simples, breve e clara, como acontece em qualquer teoria científica, independentemente da complexidade da fundamentação da mesma” (Sousa, 2004: 42).

Em seus estudos integradores sobre *o que são as notícias e por que as notícias são como são*, o autor concluiu que

“A notícia jornalística é o produto da interacção histórica e presente (sincrética) de forças pessoais, sociais (organizacionais e extraorganizacionais), ideológicas, culturais, históricas, dos meios físicos e dos dispositivos tecnológicos que intervêm na sua produção e através dos quais difundidas.” (Sousa, 2004: 16).

Assim, ele construiu a primeira das três equações que compõem a sua Teoria Multifactorial da Notícia, na qual Notícia (N) é função (f) de uma série de fatores que, embora sempre presentes, têm influência variável:

$$N = f(\alpha_1 \cdot F_p \times \beta_1 \cdot R \times \chi_1 \cdot F_{so} \times \delta_1 \cdot F_{seo} \times \varepsilon_1 \cdot F_i \times \phi_1 \cdot F_c \times \varphi_1 \cdot F_h \times \gamma_1 \cdot F_{mf} \times \eta_1 \cdot F_{dt})$$

Os componentes desta equação, reproduzindo literalmente as definições do autor, são:

- *Força pessoal (Fp)* – As notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e dos actores que nela e sobre ela intervêm.
- *Rotinas (R)* – As notícias resultam parcialmente das rotinas dos seus autores, normalmente consubstanciadas em práticas profissionais e organizacionais.
- *Força sócio-organizacional (Fso)* As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos meio organizacional em que foram construídas e fabricadas.
- *Força social extra-organizacional (Fseo)* – As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social em que foram construídas e fabricadas.
- *Força ideológica (Fi)* – As notícias são originadas por conjunto de ideias que moldam processos sociais, proporcionam referentes comuns e dão coesão aos grupos, normalmente em função de interesses, mesmo quando esses interesses não são conscientes e assumidos.
- *Força cultural (Fc)* – As notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência).
- *Força histórica (Fh)* – As notícias são um produto da história, durante a qual agiram as restantes forças que enformam as notícias que existem no presente. A história proporciona os formatos, as maneiras de narrar e descrever, os meios de produção e difusão, etc.; o presente fornece o referente que sustenta o conteúdo e as circunstâncias actuais de produção. Ao ser simultaneamente histórica e presente, a notícia é *sincrética*.

- *Força do meio físico (Fmf)* – As notícias dependem do meio físico em que são fabricadas.
- *Força dos dispositivos tecnológicos (Fdt)* – As notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabrico e difusão.

Em relação à questão *quais os efeitos que as notícias geram?*, Sousa afirma que “as notícias têm efeitos cognitivos, afectivos e comportamentais sobre as pessoas e, através delas, sobre as sociedades, as culturas e as civilizações”. (Sousa, 2004: 16).

Com base nisso, compôs a segunda e a terceira equações de sua Teoria Multifactorial da Notícia. A segunda é:

$$EpFAC_1C_2N = g (\alpha_2 \cdot Nf \times \beta_2 \cdot Nc \times \chi_2 \cdot P \times \delta_2 \cdot Cm \times \varepsilon_2 \cdot Cf \times \phi_2 \cdot Cs \times \varphi_2 \cdot Ci \times \gamma_2 \cdot Cc \times \eta_2 \cdot Ch)$$

Conforme Sousa, esta segunda equação evidencia que, a nível pessoal (**Ep**, os *efeitos fisiológicos (F)*, *afectivos (A)*, *cognitivos (C1)* e *comportamentais (C2)* de uma *notícia (N)* são uma função (**g**) do produto (ou interacção) das seguintes variáveis, que reproduzimos textualmente:

- *Notícia* – Os efeitos de uma notícia dependem da própria notícia. Atendendo a que cada notícia tem um formato e um conteúdo, influenciando ambos o processo de percepção, recepção e integração da mensagem, então a variável notícia deve segmentar-se em duas variáveis, o *formato da notícia (Nf)* e o *conteúdo da notícia (Nc)*.
- *Pessoa (P)* – Os efeitos de uma notícia dependem da pessoa que a consome, da capacidade perceptiva dos seus sentidos, da sua estrutura mental, da sua personalidade, da sua experiência, da sua mundividência, da sua mundividência, etc.
- *Circunstâncias (C)* – Os efeitos da notícia dependem das circunstâncias (**C**) da pessoa que a recebe. As circunstâncias que rodeiam a pessoa respeitam ao meio em que notícia é difundida

(**Cm**), às condições físicas da recepção (**Cf**), à sociedade (**Cs**), à ideologia (**Ci**), à cultura (**Cc**) e à própria história (**Ch**).

O autor observa, ainda, que, como as notícias nem sempre provocam efeitos cognitivos, afetivos e comportamentais de idêntica grandeza, também nessa equação é necessário introduzirem-se variáveis, para darem conta da dimensão de cada efeito.

Já a terceira equação do sistema, agrega Sousa, dá conta dos *efeitos sociais, ideológicos e culturais* (**Esic**) de uma notícia (**N**), sendo assim expressa:

$$Esic_N = h(\alpha_3 \cdot Nf \times \beta_3 \cdot Nc \times \chi_3 \cdot (P_1 \times P_2 \times \dots \times P_n) \times \delta_3 \cdot Cm \times \varepsilon_3 \cdot Cf \times \phi_3 \cdot Ci \times y_3 \cdot Cc \times \eta_3 \cdot Ch)$$

Esta equação evidencia que

estes valores variam, genericamente, em função do produto dos mesmos factores já expressos na segunda equação, com diferentes pesos [também na terceira equação se tem de considerar que o peso de cada fator na função pode não ser idêntico, pelo que se têm de introduzir variáveis (α_3 e η_3)] , mas com a diferença de que se tem de introduzir a ideia de interacção entre as pessoas ($P_1 \times P_2 \times \dots \times P_n$) para representar mecanismos como os da conversação, capazes de contribuir para a mediação dos efeitos sociais, ideológicos e culturais das notícias.” (Sousa, 2004: 27).

Fazendo uma análise de seu próprio sistema, Jorge Pedro Sousa observa que “o modelo de efeitos expresso na segunda e na terceira equação remete para toda a produção teórica que tem sido produzida e que se encontra nas vastas obras sobre teoria da comunicação.” Assim, elas “apenas visam clarificar e sistematizar as variáveis intervenientes nesse processo, dando conta da forma como interagem.” (Sousa, 2004: 28).

Já a primeira equação, enfatiza o autor, “representa uma nova e mais completa forma de sistematizar os factores que afectam a produção noticiosa. Ela é o coração da Teoria Multifactorial da Notícia que aqui se propõe.” É esta equação que “traduz matematicamente a ideia de que é possível unificar as explicações para as notícias serem aquilo que são

num enunciado teórico claro e predictivo que parte da evidência resultante dos estudos jornalísticos.” (Sousa, 2004: 29).

Nesse sentido, o pesquisador português considera necessário testar a sua teoria, “aplicando a várias notícias a análise de factores que subjaz às equações, com o objetivo de verificar se as notícias dependem efetivamente da conjugação de factores pessoais, sociais, rotineiros, culturais, ideológicos, históricos, do meio físico e dos dispositivos tecnológicos.” (Idem).

Assim, em seu trabalho ele testou a primeira equação em cinco notícias, entre elas uma de 1864, extraída da primeira edição do *Diário de Notícias*, de Lisboa. Sua conclusão foi de que o modelo é inteiramente pertinente.

“Estamos convencidos de que qualquer notícia é fruto de condicionantes pessoais, sociais, ideológicas, culturais e históricas, do meio físico em que é produzida e dos dispositivos tecnológicos que afectam a sua produção. É possível, assim, explicar qualquer notícia em função da interacção dessas forças e prever que qualquer notícia que venha a ser enunciada e fabricada dentro do sistema jornalístico resultará igualmente da interacção dessas forças.” (Sousa, 2004: 42).

A conclusão do autor é feita praticamente em tom de desafio: “consideramos provado que essas forças têm de estruturar uma teoria unificada do Jornalismo. Quando uma notícia vier a contradizer a teoria, será, então, altura de rever a teoria e, eventualmente, de a substituir.” (Idem).

4 Metodologia da pesquisa

Para testar, no âmbito brasileiro, a proposta da Teoria Multifactorial da Notícia, optou-se por delimitar, geograficamente, os três estados da Região Sul – Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná –, e mais os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, principais centros culturais e econômicos do País.

Apesar de numericamente serem poucos, diante do total de 27 estados brasileiros, estes 5 estados, conforme o censo oficial do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2010, concentram 44,4% da população do País, são responsáveis por 62,8% do Produto Interno Bruto, e têm os menores índices de analfabetismo (entre 3,86 e 5,77%, contra 9,02% da média nacional).

Delimitando mais a pesquisa, optou-se por jornais gráficos das capitais e, dentre eles, os de maior circulação comprovada pelos institutos medidores – a saber, *Zero Hora*, de Porto Alegre; *Diário Catarinense*, de Florianópolis; *Gazeta do Povo*, de Curitiba; *Folha de S. Paulo*, da capital paulista; e *O Globo*, do Rio de Janeiro. Decidiu-se agregar à pesquisa, ainda, o jornal *Notícias do Dia*, de Joinville, por ser o veículo de maior circulação da cidade na qual está instalado o Curso de Jornalismo da Associação Educacional Luterana Bom Jesus/Ielusc, onde atuam autores deste trabalho.

Para a seleção das notícias, optou-se por aquelas que foram alçadas à condição de manchete principal de cada edição, definindo-se para período de análise, aleatoriamente, a semana de 9 a 15 de julho de 2012.

Para proceder à análise de cada notícia, decidiu-se seguir, rigorosamente, as definições do autor para cada fator da equação. Assim, elaborou-se um instrumento em que, após a reprodução de cada notícia, foram elencados os nove fatores da equação, com suas respectivas definições, textuais e na íntegra. Ao lado, colocaram-se espaços para assinalar se, na notícia, identificava-se ou não aquela característica. A seguir, vê-se o instrumento:

Tabela III

NOME DO JORNAL	DATA	
MANCHETE		
MATÉRIA		
$N = f(\alpha_1 \cdot Fp \times \beta_1 \cdot R \times \chi_1 \cdot Fso \times \delta_1 \cdot Fseo \times \varepsilon_1 \cdot Fi \times \phi_1 \cdot Fc \times \varphi_1 \cdot Fh \times \gamma_1 \cdot Fmf \times \eta_1 \cdot Fdt)$	SIM	NÃO
<p>Força pessoal (Fp) – As notícias resultam parcialmente das pessoas e das suas intenções, da capacidade pessoal dos seus autores e dos actores que nela e sobre ela intervêm.</p> <p>Rotinas (R) – As notícias resultam parcialmente das rotinas dos seus autores, normalmente consubstanciadas em práticas profissionais e organizacionais.</p> <p>Força sócio-organizacional (Fso) – As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos meio organizacional em que foram construídas e fabricadas.</p> <p>Força social extra-organizacional (Fseo) – As notícias são fruto das dinâmicas e dos constrangimentos do sistema social em que foram construídas e fabricadas.</p> <p>Força ideológica (Fi) – As notícias são originadas por conjunto de ideias que moldam processos sociais, proporcionam referentes comuns e dão coesão aos grupos, normalmente em função de interesses, mesmo quando esses interesses não são conscientes e assumidos.</p> <p>Força cultural (Fc) – As notícias são um produto do sistema cultural em que são produzidas, que condiciona quer as perspectivas que se têm do mundo quer a significação que se atribui a esse mesmo mundo (mundividência).</p> <p>Força histórica (Fh) – As notícias são um produto da história, durante a qual agiram as restantes forças que enformam as notícias que existem no presente. A história proporciona os formatos, as maneiras de narrar e descrever, os meios de produção e difusão, etc.; o presente fornece o referente que sustenta o conteúdo e as circunstâncias actuais de produção. Ao ser simultaneamente histórica e presente, a notícia é sincrética.</p> <p>Força do meio físico (Fmf) – As notícias dependem do meio físico em que são fabricadas.</p> <p>Força dos dispositivos tecnológicos (Fdt) – As notícias dependem dos dispositivos tecnológicos usados no seu processo de fabrico e difusão.</p>		

Como hipóteses para a pesquisa, foram definidas três alternativas:

1. *A teoria ajusta-se satisfatoriamente à notícia analisada (para os casos em que de 75% a 100% dos fatores da equação fossem identificados);*
2. *A teoria ajusta-se parcialmente à notícia analisada (para os casos em que de 50% a 74% dos fatores da equação fossem identificados);*

3. *A teoria não se ajusta à notícia analisada (para os casos em que menos de 50% dos fatores da equação fossem identificados).*

Assim, inicialmente foram selecionados os sete exemplares da semana em questão de cada um dos seis jornais, e reproduzidas, uma em cada página do instrumento, as 41 manchetes (o jornal *Notícias do Dia* tem uma edição apenas nos finais de semana, no caso, dias 14 e 15 de julho) e respectivos textos. Após, foi feita a análise de fator por fator, para identificar sua presença ou não em cada uma das notícias.

5 Exposição dos resultados

Por limitação de espaço, e também porque haveria muita redundância de informação, não iremos expor isoladamente as 369 análises feitas – correspondentes aos 9 fatores da equação vezes as 41 notícias selecionadas. Faremos, apenas, antes da exposição dos números finais, algumas observações sobre os pontos comuns que pareceram influenciar evidentemente na produção das notícias dos diversos jornais.

Um deles é o fator da *força pessoal* (Fp) apontado na equação da Teoria Multifactorial da Notícia. Em síntese, é certo que varia de jornal para jornal o processo de decisão sobre o que será ou não noticiado – e, no caso específico deste trabalho, também sobre qual notícia será alçada à condição de manchete. Há redações em que o processo é mais democrático, abrindo-se possibilidades amplas de sugestões de temas e iniciativas por todos os agentes. Há diretores de redação que diariamente reúnem seus editores para decidir, em conjunto, qual será a manchete do jornal e quais os demais destaques de capa. Em outras redações, por outro lado, o processo é muito mais centralizado. Seja como for, em qualquer circunstância identifica-se o fator da *força pessoal* agindo na produção da notícia. Trata-se de contingência inescapável, até pela primária constatação de que as notícias são feitas por pessoas.

O fator das *rotinas* (R) de produção das notícias também foi identificado com clareza. Todos os jornais analisados adotam um sistema industrial de produção, ao qual estão sujeitos também os seus trabalhadores intelectuais. Metaforicamente, pode-se dizer que a notícia é fabricada passando por uma esteira de produção, na qual há numa ponta o operário-pauteiro, a seu lado o operário-repórter, ao lado deste

o operário-editor..., até chegar-se ao fardo impresso e ao caminhão de transporte.

A influência da *força sócio-organizacional* (Fso) mostrou-se igualmente marcante e constante. Uma das evidências, entre várias outras, é a da escolha que cada veículo faz de seu público-alvo, e como essa decisão organizacional condiciona o trabalho dos jornalistas.

Também evidente revelou-se nas análises o poder das *forças sociais extra-organizacionais* (Fseo), com todas as pressões que fontes governamentais, por exemplo, exercem na produção das notícias – foram várias as manchetes decorrentes de fatos gerados por autoridades e instituições estatais.

Em viés ainda mais acentuado de constância na produção das notícias foram detectadas as *forças ideológicas* (Fi) indicadas na equação da Teoria Multifactorial da Notícia. Foi possível identificar desde a apologia implícita – mas nem por isso menos clara – de princípios gerais como os do capitalismo e a condenação das chamadas ideologias de esquerda, até a defesa e a condenação de modo velado ou explícito a causas menores.

Que a produção das notícias está imersa num ambiente de *forças culturais* (Fc) e que as notícias não surgem no vazio, sendo resultado da atuação de *forças históricas* (Fc), pareceu de clareza absoluta nas análises das edições selecionadas dos jornais, da mesma forma que o fato de a produção jornalística estar condicionada e ser influenciada pela *força do meio físico* (Fmf) e pela *força dos dispositivos tecnológicos* (Fdt).

Assim, os autores deste trabalho concluíram que, rigorosamente, todas as 41 notícias/manchetes analisadas, dos cinco principais jornais de cinco das mais importantes capitais brasileiras, e de um jornal da maior cidade do Estado de Santa Catarina, contêm os nove fatores integrantes da equação base da Teoria Multifactorial da Notícia.

Considerações finais

Pelos resultados da pesquisa deste trabalho, fica inteiramente comprovada a efetividade da primeira equação da Teoria Multifactorial da Notícia, equação esta que o autor Jorge Pedro Sousa ressalta ser o coração de sua proposta.

É de se observar, como limitações desta conclusão, o fato de terem sido analisados apenas seis jornais (embora cinco deles sejam os maiores de cinco das mais importantes capitais brasileiras); o fato de ter sido analisada apenas uma notícia de cada jornal (embora tenham sido as notícias alçadas à condição de manchete principal); o fato de a pesquisa ter envolvido apenas veículos gráficos; e o fato de o período de análise ter sido relativamente curto (edições de uma semana).

No entanto, a consistência dos resultados evidenciou-se fortíssima.

Não é sem base que se pode conjecturar estarmos presenciando o surgimento do primeiro paradigma das teorias do jornalismo.

Dito de outro modo. Embora atualmente os termos *modelo* e *paradigma* sejam de modo geral utilizados com o mesmo sentido, na verdade eles se diferenciam. Os *modelos* científicos, como explicam Vellasco e Villa (2011), contemplam determinado enfoque da realidade estudada. Não abrangem o todo, mas só um aspecto do objeto em estudo. Assim, frisam esses autores, os modelos, não tendo um caráter totalizador, mas sim sendo essencialmente incompletos, devem sempre procurar uma forma de completar-se e enriquecer-se graças a perspectivas diferentes. Portanto, podem e devem coexistir para uma melhor visão do objeto estudado.

Já os *paradigmas*, que têm sua definição basilar em Thomas Kuhn (1975), representam a explicação global de determinado fenômeno, aceita ao menos temporariamente pela comunidade científica. É apenas quando um paradigma passa a ser contestado e entra em crise, na visão de Kuhn, que é substituído por outro paradigma, sendo assim que se produzem as revoluções científicas.

Nessa perspectiva, as numerosas teorias do jornalismo, surgidas desde meados do século XIX,

“são modelos que focam parcialmente, cada qual, um aspecto do fenômeno jornalístico global. A Teoria do Gatekeeper, por exemplo, enfatizaria – não importa que o fazendo exageradamente – a influência pessoal do jornalista sobre o que será noticiado. A Teoria Organizacional daria ênfase à força da engrenagem empresarial, que em muitas circunstâncias de fato restringe significativamente as margens de influência individual do jornalista sobre a linha editorial.

A Teoria dos Definidores Primários destacaria a importância, muitas vezes central, das fontes dos jornalistas sobre o resultado final dos noticiários – e assim por diante. (...) É nessa perspectiva que a Teoria Multifactorial da Notícia (...) pode ser considerada o primeiro paradigma das teorias do jornalismo.” (Castro, 2012: 7).

Os autores deste trabalho pretendem dar continuidade às pesquisas do tema, procedendo à análise, num futuro próximo, de jornais de outras regiões brasileiras, e mais adiante, eventualmente, de veículos das principais capitais latino-americanas.

Referências

- Black, J. & Champion, D. (1976). *Methods and issues in social research*. New York: John Wiley & Sons.
- Breed, W. (1993). “Controle social na redação: uma análise funcional”, in: Traquina, N. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega, 1993.
- Castro, A. (2012). *Teorias do Jornalismo, Universidade e Profissionalização: Desenvolvimento Internacional e Impasses Brasileiros*. Fortaleza: XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.
- Kerlinger, F. (1975). *Investigación del comportamiento: técnicas y metodología*. México: Nueva Editorial Interamericana.
- Kuhn, T. (1975). *La estructura de las revoluciones científicas*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. New York: Free Press.
- Pena, F. (2010). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto.
- Sousa, J. (2002). *Construindo uma teoria do jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Biblioteca OnLine de Ciências da Comunicação [BOCC](http://www.bocc.ubi.pt).

_____. (2004). *Construindo uma teoria multifactorial da notícia como uma teoria do jornalismo*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Biblioteca OnLine de Ciências da Comunicação [BOCC](#).

Traquina, N. (1993). *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega.

_____. (2005). *Teorias do Jornalismo. Volume I. Por que as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.

_____. (2008). *Teorias do Jornalismo. Volume II. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular.

Velasco, C. & Villa, S. (2011). *Metodologia da Pesquisa Científica*. Florianópolis: Fundação Universitária Iberoamericana.

White, D. (1993). “O gatekeeper: uma análise de caso na seleção de notícias”, in: Traquina, N. *Jornalismo: questões, teorias e estórias*. Lisboa: Vega.

Wolf, M. (2010). *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes.

Bibliografia complementar consultada

Meditsch, E. (1997). *O jornalismo é uma forma de conhecimento?*, Conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão, Portugal.

Melo, J. (2009). *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Paulus.

Sousa, J. (2000). *As notícias e seus efeitos*. Coimbra: Minerva.

_____. (2002). *Teorias da notícia e do jornalismo*. Florianópolis: Letras Contemporâneas.

_____. (2008). *Os estudos jornalísticos após 1950: a consolidação de um campo científico*. Covilhã: Universidade da Beira Interior, Biblioteca OnLine de Ciências da Comunicação [BOCC](#).

Traquina, N. (2001). *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Unisinos.